

A AULA DE ARTES E SEUS ENFRENTAMENTOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

Pietra Ribeiro ¹
Adriana Mendes ²

RESUMO

Acompanhamento de um PEB III – Arte em escola municipal de meio período, em aulas para turmas do fundamental I por meio do PIBID. Este relato faz referência a um semestre de observação e participação em aulas de 1º, 2º e 3º ano que teve como objetivo entender tal ambiente escolar, procurar relações entre o ensino de artes e o comportamento dos alunos e principalmente proporcionar benefícios para aquele espaço com a nossa presença nas aulas. Todas as salas acompanhadas possuem crianças com laudo ou em processo de análise, a maioria estando dentro do espectro autista. Durante o período de acompanhamento foi observado grande melhora na participação desses alunos nas atividades, com ênfase na superação de desafios com os sons, maior permanência dentro da sala de aula e melhora na socialização com colegas e professores. Outras observações de grande relevância foram as questões de comportamento entre os alunos. Foram observados diversos conflitos entre eles, que muitas vezes chegavam à agressão física. Em uma sala específica foi notado também uma relação de tensão entre a classe e o professor, gerando aulas improdutivas, frustração da parte do professor e grande perda para a turma de maneira geral que não conseguia realizar as atividades propostas. Pensando nisso foi feita uma proposta de intervenção em sala de aula através de uma atividade inspirada pelo livro “O ouvido pensante” de R. Murray Schafer, na qual foi explorada a relação da turma com o silêncio por meio de um desafio de cooperação que resultou em uma sala muito mais tranquila, com menos conflitos e uma saída calma e organizada, algo que nunca havia acontecido, mostrando o potencial das aulas de artes na regulação emocional das crianças, na mudança de comportamentos e consequentemente, na diminuição de conflitos.

Palavras-chave: Arte, PIBID, Comportamento, TEA.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será relatada a experiência como bolsista de Iniciação à Docência acompanhando as aulas de um professor de artes em escola regular. Além de fazer parte de um Programa de Iniciação à Docência, essas experiências também foram usadas para algumas reflexões de uma disciplina de estágio dentro da graduação. Que, portanto, tinha como objetivos iniciais: observar a atuação

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, pietraribeiro02@gmail.com;

² Docente do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, aamendes@unicamp.br;





de um professor de arte dentro do ensino regular; entender as relações entre professores especializados e os professores de sala; perceber adaptações necessárias ao ensino de música dentro do ensino regular e também em relação às idades e tamanhos de turmas; buscar as possibilidades de interdisciplinaridade dentro do ensino de artes; entender como funcionam as distribuições financeiras para obtenção de materiais na rede pública.

E como plano de ação já era previsto o acompanhamento do professor supervisor durante as suas aulas, auxiliando com o que fosse necessário, tendo um olhar crítico sobre as possibilidades de melhorias e mudanças que poderiam ser aplicadas dentro de sala de aula que possam elevar a experiência das aulas em todos os âmbitos possíveis, para as crianças, para o professor, para a escola e para o ambiente. Para além de quando for possível realizar intervenções práticas dentro de sala.

A escola em que o PIBID foi realizado fica localizada em uma região rural de Campinas-SP, onde atende a população das áreas mais próximas. E, mesmo estando nesse local mais arborizado e com mais natureza, a escola é completamente pavimentada, não possui nenhuma área verde natural. O que é uma pena em qualquer instituição, mas principalmente em uma com a localização que esta tem.

Atualmente ela atende a 436 alunos, sendo uma escola de pequeno porte. Conta com 11 salas de aula, refeitório, cozinha, quadra, parquinho, sala de educação especial, biblioteca, diretoria\secretaria e uma sala de informática, que está no momento sendo praticamente um local de estoque de materiais da escola: tem armários espalhados pela sala, diversas caixas de papelão, papéis, livros e também alguns materiais de artes, que já haviam sido transferidos anteriormente, pois ficavam na sala que se transformou na sala de educação especial. Então os materiais tiveram que se espalhar pela escola, não só nessa sala de informática improvisada, mas também em armários contidos em outras salas de aula. O professor de artes possui pedido e planos de que esta sala de informática se transforme em uma sala de artes mesmo. As informações que temos é de que a reforma talvez começasse nas férias, mas ainda não houve nenhuma confirmação de que isso ocorreria mesmo. O restante do espaço da escola são corredores e pequenos espaços pavimentados entre a sala; não existe nenhum grande espaço livre e seguro dentro da escola que possa ser usado para atividades mais corporais das aulas de artes.

Na equipe, a escola conta com uma diretora e dois vice-diretores, que infelizmente acabei não encontrando durante o período de acompanhamento na escola. Conta também com uma orientadora pedagógica, que nos momentos em que os diretores não estão presentes, acaba precisando assumir essa função. Uma coordenadora pedagógica que faz um trabalho





regional então atende a várias escolas da região, só indo até a escola em situações mais sérias ou emergenciais. Possui também uma professora para o atendimento educacional especializado, que fica na sala de educação especial, dando assistência para os alunos que precisam e também as profissionais de apoio que ficam tanto na sala de educação especial quanto espalhadas pela escola. E, por fim, recebe alguns estagiários do PIBID Artes e do PIBID Pedagogia, além de alguns funcionários de outros programas de estágio.

Dentro da escola, então, foram acompanhadas as aulas do professor responsável pelas aulas de artes dos 1º, 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I e também pelo 1º e 2º termo no EJA noturno. Mas, nesse relato, iremos tratar apenas das aulas realizadas no dia de quarta-feira pelo professor, correspondente a três aulas duplas, uma com o 3ºB, uma com o 1ºA e outra com o 2ºB. Tudo isso, dentro do período do primeiro semestre do ano de 2025.

A maior parte do trabalho em sala de aula foi de observação e auxílio ao professor e aos alunos quando necessário, dessa forma foi possível perceber as demandas da sala de aula, os comportamentos específicos de cada turma e as particularidades de cada aluno, gerando aulas de artes que contemplassem mais alunos que acabavam ficando deslocados por algum motivo. Isso mudou a perspectiva de possibilidades dentro da sala de aula, criando mais relações de afeto entre os alunos e as aulas de artes, aulas mais organizadas e também a ideia de uma proposta de interferência na sala de aula, com uma atividade que gerou resultados muito satisfatórios e instigantes para novas propostas no futuro.

METODOLOGIA

Este artigo é baseado em observações e experiências de intervenções em sala de aula, dentro do Subprojeto Interdisciplinar III (Artes Visuais/Música) do PIBID Unicamp, buscando descrever as situações vividas e refletir sobre os acontecimentos. Também está embasado em conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, durante as reuniões juntamente com outros Bolsistas ID, supervisores e coordenadores e durante a pesquisa bibliográfica deste trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico da principal intervenção em sala de aula enquanto bolsistas ID na escola, foi utilizado o livro “O ouvido pensante” de Murray Schafer, que contém um exemplo de atividade que foi adaptada para ser utilizada com os alunos, além de conter





conceitos que foram “uma lente” para a observação da sala de aula. No segundo capítulo do livro, Schafer escreve sobre o tema “Limpeza de ouvidos”. E ali ele diz “Antes do treinamento auditivo é preciso reconhecer a necessidade de limpá-los”. Digo que foi uma lente para a observação, pois foi com esse conceito em mente que surgiu a ideia de que precisávamos trabalhar com o silêncio em uma das turmas, já que as aulas de música não estavam funcionando: talvez os alunos precisassem dar um passinho para trás e trabalhar com a escuta do ambiente, com o reconhecimento de ruídos, que segundo Schafer (1991) é “qualquer som que interfere, é o destruidor do que queremos ouvir”. E só então os alunos estariam sensibilizados com o som para ouvir com cuidado e atenção.

Entendendo que a situação da sala do 2º ano B não estava apenas atrelada à falta de “limpeza de ouvidos”, foi realizada uma busca por trabalhos que falassem sobre aprendizagem socioemocional e como a arte poderia estar envolvida com ela. Foi encontrado uma pesquisa realizada entre 2021 e 2022, em um projeto de artes denominado Lugar de Silêncio, em que procuravam através da arte conceitualizar alguns sentimentos. E isso gerou observações dos professores do projeto, muito interessantes, de que os alunos passaram a se interrelacionar melhor, a entender os sentimentos como algo coletivo, levando ao aumento do respeito em sala de aula em relação aos sentimentos dos colegas (Lobo, 2023).

Neste mesmo trabalho, Leonor Lobo cita um estudo feito por Mckown (2017) que mostra que alunos mais habilidosos emocionalmente têm um relacionamento melhor com os colegas e demonstram mais motivação para aprender e lidar com os desafios da sala de aula. Também demonstra em sua parte bibliográfica as potencialidades da Aprendizagem Socioemocional, principalmente no estudo de arte. Diz que as aulas de arte dão oportunidade aos alunos de experienciar outras perspectivas, que geram novas respostas emocionais, promovendo a resolução de problemas, a consciência coletiva de que suas escolhas afetam o outro, desenvolvendo outros tipos de relações (Eddy et al., 2021): “Através da arte os alunos exploram e refletem sobre si mesmos, aprendendo quem são e como podem contribuir para a sociedade” (McHenry, 2011 apud Lobo, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante esse primeiro semestre no PIBID, a atividade que foi cumprida na maior parte do tempo foi acompanhar as atividades que o supervisor do subprojeto já tinha propostas no seu calendário, auxiliando com o que ele precisasse, mas principalmente atendendo as necessidades das crianças durante as atividades. Como dito anteriormente foi realizado o





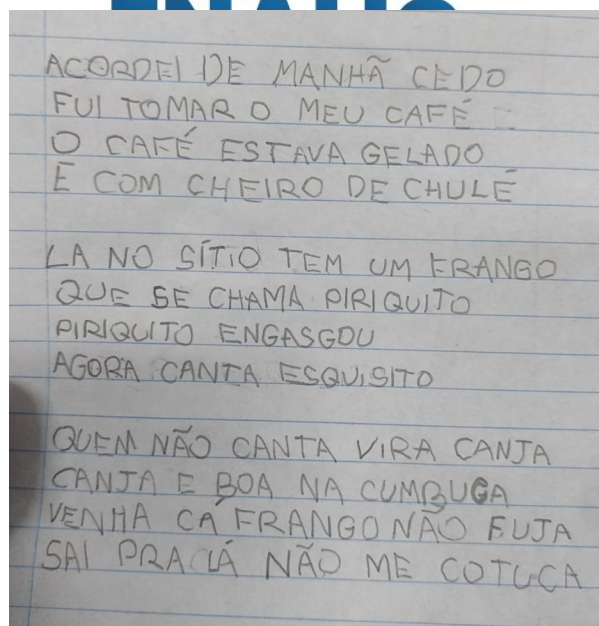
acompanhamento de 3 turmas, no período da manhã da quarta-feira, junto com mais dois colegas meus também do PIBID, sendo uma das Artes Visuais e mais um da Música como eu. Cada turma possuía aula dupla com 50 minutos cada, resultando em uma hora e quarenta minutos de aula com cada uma das turmas.

O supervisor possui em seu cronograma 3 aulas de Arte com cada turma do fundamental I durante a semana, sendo uma aula dupla e uma aula simples. Dessa forma ele costumava dar prioridade para as atividades musicais em dias de aulas duplas, já que dentro da rotina desse tipo de aula o professor costuma afastar as cadeiras para o cantinho da sala e fazer as atividades de música em roda. E como essa organização leva um tempo com as crianças, fora a organização de comportamento que é necessária quando as crianças estão assim em um espaço mais livre, acaba sendo necessário a realização dessas atividades nos dias de aulas duplas.

Às 7 horas da manhã, entrávamos com a sala do 3ºB que tinha alguns minutos iniciais para tomar café da manhã, fazendo com que a aula começasse de fato apenas por volta das 7 horas e 15 minutos. Com essa turma geralmente o supervisor realizava mais atividades musicais e corporais pelos motivos comentados no parágrafo anterior. E também por conta dessa turma possuir um ótimo rendimento com esse tipo de trabalho, acompanhei atividades de percussão corporal, músicas apresentando nomes de notas, atividades com boomwhackers (tubos sonoros percussivos), tanto na parte de exploração sonora, quanto na execução de uma peça que antes eles estavam apenas cantando, passando para o instrumento de forma coletiva.

Acompanhei com essa mesma turma do 2ºB um projeto mais longo com a temática de Catira, onde o professor apresentou algumas pinturas sobre a cultura caipira numa primeira aula, depois apresentou um vídeo de um grupo de catira, chamado “Os favoritos da catira” performando a música “Dois com dois é quatro” em um programa de televisão. O que desencadeou em diversas atividades feitas ao longo de algumas aulas, como a prática da dança da catira em sala de aula, a prática da música em si, na parte vocal, e depois partiram para um trabalho de composição de versinhos baseados nessa primeira escuta que tiveram da catira, o que resultou em versinhos muito interessantes, como estes:





Nessa turma tínhamos resultados muito satisfatórios com as atividades, os alunos costumavam ser bem interessados e cooperavam bastante para o funcionamento das atividades. Uma situação que me marcou em relação a essa sala, foi o dia que um aluno com TEA estava extremamente incomodado com os sons de palma e pés batendo no chão que a dança da catira gerava e, por alguns motivos de organização da escola, o aluno estava sem o seu abafador naquele momento, então saí com ele da sala e fiquei em um cantinho da escola mais silencioso e sem muitas pessoas passando e fui tentar fazer mais ou menos a atividade que estava sendo feita na sala com o restante dos alunos com ele lá fora. No começo ele ficou bem tenso com as palmas e estávamos fazendo apenas os movimentos corporais que sugeriam a palma e a batida dos pés, tudo sem fazer nenhum som, mas depois de algumas repetições, ele mesmo foi começando a fazer sons com o corpo e dentro dos limites dele estávamos ali trabalhando com a percussão corporal. Dessa forma, quando conseguimos o abafador e voltamos para a sala de aula ele continuou acompanhando a atividade perfeitamente junto com os outros alunos, pois agora estava com o material necessário para lidar com aqueles sons e também já tinha se familiarizado com a proposta em um ambiente mais confortável para ele.

Depois desta turma, vamos para a turma do 1ºA, às 8 horas e 40 minutos. Lá, temos contato com os alunos mais novos da escola. No começo do ano até tivemos algumas questões sobre o tempo de aula talvez ser longo demais para aquela idade, mas com o tempo conseguimos ir adaptando as atividades de maneira a ocupar de forma agradável para os alunos todo o período de aula. Com essa turma, também temos o esquema de fazer a roda com





as crianças, costumamos fazer diversas canções e parlendas, como da “Sinhá marreca”, “Periquito”, “Olaria do povo”, entre outros, que não invocam só a voz, mas também o corpo, alinhando movimentos corporais com a letra, melodia, ou com a forma da música, deixando a aula mais dinâmica para as crianças daquela idade.

E então, depois das atividades musicais, o supervisor usa das referências trazidas pela música para realizarmos trabalhos visuais, em busca da interdisciplinaridade. Assim, depois de trabalhar a música da Sinhá Marreca as crianças construíram pequenas igrejinhas de papel, por conta da letra da música. Quando cantamos a música das caveiras, depois também desenhamos caveiras realizando as diversas ações contidas na música para montar fantoches.

Nessa sala as crianças também têm ótima recepção para as atividades. E foi interessante perceber também que mesmo os alunos que possuem laudo foram se inserindo cada vez mais nas aulas, com um tempo após a chegada dos bolsistas do PIBID, pois nós estando em quatro professores em sala de aula, conseguíamos dar mais atenção para cada um dos alunos atendendo as necessidades não só das crianças neurodivergentes, mas das neurotípicas também. Tanto que um aluno com TEA, que quando chegamos nem ficava dentro da sala durante as aulas de artes, no fim do semestre estava acompanhando aulas completas, participando de todas as atividades com os colegas, conversando com os estagiários e com o professor — percebemos uma evolução e tanto!

Por fim, às 10h20, entramos na nossa última sala do dia, o 2ºB, que foi um tópico de muitas discussões entre os bolsistas ID durante várias reuniões, por conta de ser uma sala com diversas questões sérias e muito recorrentes de comportamentos. Que primeiramente eram isoladas com alguns alunos específicos, mas ao longo do semestre toda a sala foi ficando cada vez mais agitada e desregulada emocionalmente, deixando as aulas em roda praticamente impossíveis. Mais para o fim do semestre já fazia praticamente um mês que essa turma estava sem atividades musicais, por conta dessa questão de comportamento, que estava impedindo o desenvolvimento de qualquer atividade.

Eram diversas situações de discussões acaloradas entre alunos, com muitos xingamentos, que muitas vezes chegavam à violência física, ou ameaça de uma. Dentro de sala, mesmo nós estando em quatro professores, muitas vezes não conseguíamos dar conta de resolver todos os conflitos que estavam acontecendo dentro da sala de aula. A professora de sala geralmente nos orientava a dar alguns minutos de intervalo para as crianças fora da sala, com o intuito delas extravasarem um pouco de energia e voltarem para sala mais calmas. O que não funcionava muito, pois fora da sala as crianças também entravam muito em conflito e continuavam com eles dentro da sala, permanecendo muito agitadas.





A temática da escola neste ano de 2025 está sendo sobre meio ambiente e como lá, por conta de todas as salas serem em volta do refeitório, acabamos ficando com uma escola cheia de ruídos, o que já sabemos o quanto é perturbador de forma geral e mais ainda em um ambiente de ensino. Já estávamos pensando coletivamente em desenvolver projetos que trabalhassem com a paisagem sonora, com o propósito de desenvolver essa habilidade de escuta nas crianças, gerando uma percepção do ambiente e até possíveis soluções criativas para essa questão. Mas esse era um plano a ser colocado em prática apenas no próximo semestre com mais calma, já que a agenda desse semestre já estava cheia.

Porém, eu e meu outro colega bolsista ID do curso de Música, acabamos adiantando uma intervenção, que está bem relacionada com essa discussão da paisagem sonora, por conta de uma aula em que o supervisor saiu completamente exausto, pois não estava conseguindo nem se comunicar com a turma de tanta agitação. E, percebendo o desgaste e a frustração dele, tentamos pensar em uma atividade que pudesse desenvolver nos alunos algumas habilidades bem necessárias na sala de aula, como a percepção do silêncio e da colaboração coletiva.

Então, inspirados em uma atividade do livro “O ouvido pensante”, criamos uma atividade coletiva, onde as crianças que estavam alinhadas em quatro fileiras e divididas em dois grupos precisariam passar uma folha de papel um para o outro fazendo o mínimo de barulho possível. O que no livro era uma atividade de passar aluno por aluno o papel, mobilizando a sala toda, porém um aluno por vez, foi adaptada para uma execução mais coletiva, com a intenção de evitar brigas e apontamentos de erros individuais. Então eram duas fileiras passando o papel ao mesmo tempo enquanto o outro grupo com outras duas fileiras ouvia atentamente e depois dava uma nota de quanto de volume o outro grupo tinha conseguido, juntamente com a nossa mediação. Para isso estabelecemos uma pequena régua na lousa que ia de 0 a 5 e marcava a quantidade de volume, sendo o número 3 um limite que não poderia ser ultrapassado, já que nosso objetivo ali era o silêncio, então o mais perto de 0 possível.

Essa primeira parte já teve resultados bem interessantes e fez os alunos ouvirem um pouco e entenderem de fato o que era o silêncio. E, ao longo da atividade, o que era uma tensão com objetivo de fazer silêncio foi se transformando em um ambiente mais calmo, justamente por essa diminuição dos barulhos da sala. Os alunos foram percebendo que não era só o papel que fazia barulho na sala, mas também as carteiras, os pés, as cadeiras, os materiais - o que foi uma reflexão interessante para eles também, de perceberem que o silêncio dentro





da sala de aula não está só em deixar de falar, mas está em um relaxamento corporal também, que estava se fazendo bem necessário naquela turma.

E numa segunda fase dessa atividade usamos a sacolinha como um nível mais difícil, mas como as crianças tinham se familiarizado já com o jogo e já estavam mais calmas como comentei no parágrafo anterior, elas foram cada vez conseguindo fazer mais silêncio. E então nesse dia, após essa atividade de sensibilização e limpeza de ouvidos tivemos uma saída tranquila e organizada, com os alunos muito mais calmos pela primeira vez. Foi muito recompensante assistir assim tão depressa os resultados práticos que um trabalho musical poderia ter nas questões de comportamento com os alunos. Infelizmente essa foi a última aula que acompanhamos no semestre, então a continuação dessa proposta foi deixada para o próximo semestre, aguardando as possibilidade de resultados, com um trabalho desse tipo sendo feito a longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse relato é possível perceber quanto a experiência do PIBID é capaz de modificar o espaço em que está se inserindo, tanto em relação ao trabalho do professor, que fica com menos demandas durante as aulas, tendo mais braços para realizar as atividades, quanto por parte dos alunos que podem usufruir de uma aula de artes com mais cuidado aos detalhes e às pessoas. E especificamente neste trabalho sobre o PIBID Arte, podemos notar a potencialidade do ensino das artes na resolução de conflitos dentro de sala de aula, no acolhimento dos alunos e no desenvolvimento de suas habilidades socioemocionais.

E para os bolsistas ID o ganho também é gigante, pois além de proporcionar uma das experiências mais próximas da realidade em salas de aula do ensino regular, temos uma experiência assistida pelo supervisor dentro da escola e pelos coordenadores na universidade durante as reuniões, gerando reflexões elaboradas sobre os processos enfrentados dentro da escola e discussões de propostas que possam mudar a realidade daquele ambiente para melhor.

Em relação à intervenção feita na sala de aula pelos pibidianos, é possível concluir que a mudança de comportamento dos alunos observada em apenas uma aula de aplicação, foi surpreendente e fica aqui ao final deste trabalho uma sugestão de que esta proposta seja realizada outras vezes na escola, preferencialmente com a mesma sala, para que seja possível observar empiricamente os resultados de atividades que tenham o mesmo objetivo de gerar mudança de comportamentos.





REFERÊNCIAS

ANWAR MCHENRY, J. Rural empowerment through the arts: The role of the arts in civic and social participation in the Mid West region of Western Australia. **Journal of Rural Studies**, v. 27, n. 3, p. 245–253, jul. 2011.

EDDY, M. et al. Local-level implementation of Social Emotional Learning in arts education: moving the heart through the arts. **Arts Education Policy Review**, p. 1–12, 7 jul. 2020.

LOBO, L. **Lugar de Silêncio: Avaliação do Impacto de um Programa de Promoção de Competências Socioemocionais**. Universidade Católica Portuguesa: jul. 2023 MCKOWN, C. Social-Emotional Assessment, Performance, and Standards. **The Future of Children**, v. 27, n. 1, p. 157–178, 2017.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

